

REVISTA ANGELUS NOVUS - nº 2 - julho de 2011

Resenha

A sabedoria dos mitos gregos

FERRY, Luc. *A sabedoria dos mitos gregos: aprender a viver II.*
Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Darlene Limongi Borges

Mestranda em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O filósofo Luc Ferry nasceu em Paris, em 1951; é um dos principais defensores do humanismo secular; foi ministro da Educação na França de 2002 a 2004. Ferry é preocupado em levar a filosofia às pessoas comuns, à política, às artes, como era de costume dos gregos há milhares de anos. Depois de lançar no Brasil o livro *Aprender a Viver* (Rio de Janeiro: Objetiva, 2007), que é um curso geral de filosofia para leigos, o autor veio a publicar este livro sobre os mitos gregos.

O autor divide o seu livro em nove partes: prólogo, seis capítulos, conclusão e o índice onomástico. Percorrer as 310 páginas dessa obra é fazer uma verdadeira viagem pela mitologia grega cruzando pontes para interpretá-la como um guia em direção à conquista da vida boa.

A mitologia representa a essência da sabedoria antiga, que possibilitou à filosofia grega desenvolver seus conceitos e abrir caminhos para os questionamentos que proporcionam o pensamento direcionado à busca de uma vida bem-sucedida para os humanos, seres mortais. Embora os mitos gregos tenham surgido há mais de três mil anos e em um contexto histórico e cultural totalmente diferente dos dias atuais, são portadores de uma sabedoria coerente e profunda. Assim, Ferry apresenta essa obra como uma proposta de chamar a atenção para as “metáforas adormecidas” ao contar as encantadoras narrativas que compõem a mitologia grega, que destaca o heroísmo e a glória, o que faz escapar do esquecimento em que os mortais se enterram.

Ferry destaca as “Cinco interrogações fundamentais que dão vida aos mitos” (p.32), sendo elas: a origem do mundo e dos homens (capítulos I e II); “como os homens vão se encaixar nesse universo dos deuses, que, em princípio, não parece absolutamente feito para eles?”, interrogação abordada nas dificuldades que Ulisses enfrenta em sua longa viagem (capítulo III); o uso da sabedoria e a loucura da *hybris*, (capítulo IV); a imposição da ordem sobre a força da desordem (capítulo V); e, por fim, a quinta interrogação (capítulo VI) consiste em explicar como “que um mundo considerado harmonioso, um cosmos que se afirma justo e bom, estabelecido e guardado por olímpicos de alta estirpe, permita[□] que o mal se abata indiferentemente sobre os bons e os maus” (p. 37).

A obra em questão descreve a narrativa do nascimento dos deuses, do mundo e dos homens, proporcionando ao leitor um saber que visa o sentido, “ajuda a privilegiar a lógica do Ser, em detrimento da do Ter” (p. 41).

Segundo a mitologia grega, no princípio tudo era uma verdadeira desordem, havia apenas um gigantesco precipício obscuro, Caos, que por sua vez, como uma espécie de milagre, gera Gaia, o chão firme. Gaia é quem dá origem a quase todos os seres futuros, ao contrário de Caos, ela nos ampara e carrega. Para que possam surgir rios, florestas, animais, montanhas, sol, céu, homens e até mesmo os

□ Optamos por manter a grafia original.

deuses foi preciso o aparecimento de uma terceira divindade, Eros, o amor, que tem como principal missão proporcionar às divindades futuras a passagem das trevas para a luz. “Será, então, a partir dessas três entidades primordiais – Caos, Gaia e Eros – que tudo vai se pôr em seus lugares e o mundo, progressivamente, se organizar” (p. 44). Uma quarta divindade surge na profundidade de Gaia, em um lugar brumoso e aterrorizante, mergulhado na treva; é Tártaro, que posteriormente foi reconhecido como o inferno, local em que os mortos e os deuses derrotados serão lançados. Urano, o céu estrelado, nasceu de uma concepção solitária de Gaia. Ainda sozinha Gaia fez surgir outros filhos: Ureia (as montanhas), Ninfas (divinas criaturas lindas e jovens que povoam as montanhas) e Ponto (a água salgada do mar). Assim, pouco a pouco, o cosmos começa a ganhar forma, através das aventuras de Gaia, Urano, Tártaro e Ponto, as divindades naturais.

Da narrativa referente ao nascimento dos deuses e do mundo, é possível deduzir, no plano filosófico, três ideias fundamentais, tanto para os imortais quanto para os mortais: a vida boa para todos os seres se dá pela harmonia com a ordem cósmica, mas, a desordem continua sempre ameaçando; a segunda ideia é resultante da primeira, *hybris*, refere-se ao descomedimento que leva os mortais e imortais a não identificarem o seu lugar no universo; opondo as ideias anteriores está a *diké*, justiça, que implica em acordo com a ordem cósmica. Assim,

o *cosmos*, a ordem harmoniosa; *diké*, a justiça, ou seja, o acordo com a ordem cósmica; e *hybris*, o desacordo ou descomedimento por excelência, são as palavras dominantes da mensagem filosófica que começa pouco a pouco a brotar da mitologia (p. 90).

Os mitos gregos nos ajudam a compreender qual o lugar dos humanos na Terra e o sentido que tem ou se dá à nossa vida. Luc Ferry resgata três narrativas para auxiliar nessas questões, o mito de Prometeu, o de Pandora e o mito da idade de ouro.

O mito da idade de ouro toca na questão crucial da relação entre *hybris* e *diké*, ou seja, a oposição entre uma vida de acordo com a justiça, a vida boa, e a vida dominada por *hybris*, a vida má.

A transição da idade de ouro para a idade de ferro pode ser compreendida por meio dos mitos de Prometeu e de Pandora. É a vinda de Pandora que provoca a passagem da humanidade de um extremo a outro.

Segundo o autor, é possível tirar três lições de tais mitos. A primeira consiste no fato de que se Pandora é a primeira mulher, isso significa que na idade de ouro os homens viviam sem mulheres e apenas as divindades podiam ser femininas, sendo os mortais exclusivamente masculinos. Tal situação coloca em cena o fato de que os mortais se tornaram verdadeiramente mortais mediante a união sexual, pois, “na idade de ouro, eles não morriam por inteiro ou, melhor dizendo, morriam o menos possível”

(p. 123). Isso é admissível “por um motivo de real profundidade: é que o tempo, tal como o conhecemos, com sua sequência de males – velhice, doenças, morte -, realmente nasce” (p. 123). A segunda lição está no fato de que a saída da idade de ouro representa que a humanidade é submetida ao trabalho, ou seja, os mortais terão o que resulta de seu esforço. Por fim, a terceira lição aponta que não há o bem sem o mal. O que realmente está em jogo no mito de Prometeu é “fazer com que os mortais, apesar dos dons de Prometeu, não se imaginem deuses” (p.129).

A humanidade passa a ser a única espécie entre os mortais que possui a *hybris*, a que é capaz de provocar os deuses e de destruir a natureza. Paradoxos se formaram: “não há vida sem morte, não há história sem sucessão de gerações, não há ordem sem desordem, não há cosmos sem um mínimo de caos” (p. 135).

Luc Ferry destaca a sabedoria de Ulisses para narrar à reconquista da harmonia perdida. A viagem de Ulisses envolve uma longa história que inicia com a sua partida para a guerra de Troia e o duro retorno para sua pátria, Ítaca, “[...] uma viagem que, como a teogonia, vai do caos ao cosmos...” (p.140).

A odisseia de Ulisses destaca que a sua condição de mortal não representa um consolo, mas, sabiamente, se faz necessária para que se possa viver melhor. As experiências de Ulisses registram o quanto é importante compreender, descobrir lugares, culturas, enfrentar os medos... Isso gradativamente torna o ser humano mais sábio, o que demonstra o quanto é importante “ampliar o pensamento”.

Continuando este ideal paradoxal de que não há cosmos sem caos, Luc Ferry reforça o valor da finitude humana. Para tanto, ele retoma a nova ordem temporal – nascimento, velhice, doenças e morte – pois os próximos mitos relatados transitam neste tema. Ou seja, são os mortais que escapam deste fadado fim, a morte. Denominados como os “engana a morte” que como “Sísifo e Esculápio, procuram escapar da finitude humana recorrendo à inteligência – à astúcia ou às artes” (p. 174) ocupando um lugar de destaque nas histórias de *hybris*.

O mito de Orfeu não trata de *hybris*, mas da vitória do amor sobre a morte. Este mito é um dos raros que deixa laços com a religião cristã devido a sua questão central que permeia os Evangelhos: “a contradição inelutável e insolúvel entre o amor e a morte” (p. 184). Esta contradição dá aos humanos a ideia do desejo ardente da ressurreição: “o amor triunfa sobre tudo e o milagre da ressurreição se faz” (p. 185).

Luc Ferry aponta para o papel do herói na mentalidade grega. A escrita é a principal forma de eternizar as atitudes desses mortais que resolveram lutar em nome da *diké* para garantir a ordem cósmica estabelecida por Zeus e, assim, ganharem sua imortalidade na história. O primeiro é Hércules,

ou Hércules para os romanos, o mito mais antigo da mitologia grega. É filho de Alcmena com Zeus e seu nome significa “a glória de Hera”, sendo o mais célebre de todos os heróis pelo seu enorme senso de justiça, *diké*. Sua principal missão é ser “um defensor contra o perigo” (p.199), pois este era o desejo de Zeus, segundo Hesíodo. Sua história está trilhada por três acontecimentos-chave: o nascimento, os 12 trabalhos e a sua morte que é precedida pela “apoteose” – que significa para os gregos divinização, ou seja, representa sua passagem de mortal para imortal.

Ferry, a partir da trajetória dos heróis mitológicos, nos explica em que consiste a visão grega para a punição dos humanos que são tomados pelo poder da *hybris*: como, por exemplo, a de ser expulso de sua cidade natal. Tendo como base o ideal de que uma vida boa é a de harmonia com seu “lugar natural”, como notamos na saga de Ulisses, ser exilado significa estar condenado a eterna infelicidade.

Dentre os vários heróis apresentados por Ferry outro que merece destaque é Perseu. No mito de Perseu o autor nos chama a atenção para o fato de que o avô, Acrísio, precisava ser punido pelo seu ato de maldade e egoísmo e o oráculo deveria se cumprir.

Em seguida, Ferry relata à conquista do Tosão de Ouro e a aventura de seus heróis – os Argonautas. O herói Jasão, filho de Esão, tem um combate em nome de *diké* para reparar uma injustiça cometida por Pélias. Jasão perde alguns dos seus homens, mas sai vitorioso. Mas, “como compreender as desgraças que desabam sobre os pobres humanos que nada fizeram de mal nem nada que se possa considerar extraordinário?” (p. 264). Esta pergunta é respondida com a narrativa que se segue: o mito de Édipo e Antígona.

Num mundo no qual opera a justiça e a harmonia o mito de Édipo percebe os limites ocupados por esta harmonia cósmica, centro de toda a mitologia grega e da filosofia antiga. Mas, o que é importante em sua trajetória é o que nos conta Ferry, isto é, como seus passos são guiados para que se cumpra a profecia. Portanto, mesmo criado em um reino distante, ele acaba por matar Laio e se casar com Jocasta e ter quatro filhos: Etéocles, Polinice, Antígona e Ismênia. Cumpre-se a profecia do oráculo de Delfos, mas a desgraça permanece sobre seus filhos. Édipo e Antígona são os arquétipos do destino trágico, ou seja, mostram como a desgraça e o destino cerradamente trágico pode se abater cegamente sobre os mortais.

Assim, apesar das interpretações psicanalíticas do mito, como o “complexo de Édipo”, não se trata de uma tragédia psicológica, mas a representação da cosmologia, da reorganização do sistema quando o mesmo é alterado pela *diké* ou *hybris*, ou por qualquer outro motivo. É necessária a desordem para a permanência da existência e a manutenção das gerações e, conseqüentemente, da tradição. Rompendo, principalmente, com o ideal de que os humanos são os senhores do mundo, os detentores

do poder absoluto e os controladores das forças naturais. “Uma degeneração da realidade” (p. 281), pois o destino sempre escapa aos mortais.

Este caminho aberto por estes dois mitos, Édipo e Antígona, traça um novo olhar para a ideia de humanidade, potencialmente ilimitado. É assim que conclui Ferry sua maravilhosa obra: uma reflexão sobre a relação entre “a alteridade” e “o Outro” na ordem cósmica representada por nós os mortais. Todo pensamento grego de dualidade, ruptura e movimento demarcam as relações entre as fundamentações filosóficas e os labirintos obscuros da religião. Contudo, o que o autor nos diz é que o importante “é o mecanismo da secularização” (p. 301), ou seja, não quer dizer romper com a religião, mas ampliar ou alterar o modo de ver esta rivalidade entre o pensamento filosófico e o religioso. Ou seja, a filosofia antiga transpõe o sistema de representações, de forma laica, elaborado pela religião. Com isso, o surgimento da filosofia está marcado por este processo de “laicização” do universo religioso grego, mas é capítulo para seu terceiro volume: a tradição da filosofia antiga. Pois, esta obra já conseguiu cumprir seu objetivo: levar ao maior número possível de pessoas a originalidade dos mitos gregos e suas “metáforas mais adormecidas”.

O autor fica devendo aos seus leitores uma análise mais precisa do papel do herói trágico dentro de suas narrativas, principalmente, ao trabalhar com as tragédias gregas. Ao abordar as obras de Ésquilo e Sófocles – *Antígona*, *Édipo rei* e *Sete contra Tebas* –, como uma possível versão para os episódios mitológicos, Ferry ignora nos autores clássicos a estrutura do conflito trágico, ou seja, a linha de conduta inquebrantável desses heróis diante de seu destino cerradamente trágico. Pois, essas obras carregam características determinantes do papel e do perfil de um herói trágico segundo a estrutura dramática de uma tragédia que, com certeza, enriquece o olhar sobre o mito. A Obra é instigante. Introduce o leitor no universo do mito grego e nos caminhos de passagem para a filosofia lógica, outra grande herança grega. Vale a pena ler o livro. Ele ajuda a compreender que além da lógica a humanidade também se serviu e continua a servir da linguagem do mito.